

garante ajuda ao Brasil.

dívida brasileira com os governos dos países desenvolvidos

169

A França, principal credor do Brasil no Clube de Paris, deu ontem uma boa notícia ao governo brasileiro. Embora extra-oficialmente, aquele país manifestou disposição de colaborar para que tenham êxito as negociações no âmbito do clube, visando ao reescalonamento de uma dívida de US\$ 2 bilhões junto a governos e instituições oficiais de crédito na Europa, Japão e Estados Unidos — parte dela vencida em agosto passado e o restante a vencer até dezembro de 1984.

Segundo uma fonte qualificada do governo, a França só não declarou formalmente seu apoio em razão de sua posição de país coordenador do Clube de Paris, o que tornaria impróprio uma ostensiva opinião contra ou a favor de qualquer devedor.

A Espanha, embora seja um credor menor, também fez chegar às autoridades brasileiras — só que de maneira formal — seu interesse em que seja encontrada rapidamente uma solução adequada à renegociação da dívida brasileira junto ao Clube de Paris, e prometeu trabalhar nesse sentido.

A posição da França, de maior credor, resulta da execução dos contratos financeiros que vêm sendo realizados desde 1971 entre os dois países, envolvendo créditos de suprimento, os primeiros concedidos diretamente pelo Tesouro, a juros abaixo dos praticados no mercado e com prazos elásticos, e mais tarde recursos destinados ao financiamento da importação de equipamentos.

O embaixador José Botafogo Gonçalves, chefe da assessoria internacional do Ministério do Planejamento, retornou da França — onde entregou a proposta de renegociação da dívida ao Clube de Paris — e disse que os contatos foram “altamente produtivos” e que já foi deflagrado o processo que levará à renegociação. Botafogo espera que a decisão do Clube seja tomada no final de outubro, devendo coincidir com a definição da renegociação da dívida brasileira junto aos bancos internacionais e com a aprovação definitiva do programa de ajustamento de nossa economia pelo FMI.

Clube de Paris: a França
O governo francês dará apoio para o reescalonamento da